



CATÁLOGO DIGITAL

URBANIDADES: A ARTE QUE HABITA O COTIDIANO

2025

ARTISTAS

Acriz	Ana Carolina Fraga
Andressa Lemos	Astrud Barbosa
BomBom	Brie
Clara Guimarães Braga	Grabi Pom
Júlia B.	Luciana Brites
Otávio Colino	Paola Stencel Strano
Rebeca Lemos	Sam
Tata Celeste	

CURADORIA

Arthur Siebert dos Santos
Neliane Machado
Paola Stencel Strano
Rebeca Lemos

ORGANIZAÇÃO

Agnes de Freitas Diniz de Souza
Ayme Hoffmann
Bruna Ruivo Maturo
Luiza Pivetta Caldana
Stela Schiochett Virmond Vieira

A cidade respira. Seus ritmos, por vezes frenéticos, por vezes sutis, atravessam nossos corpos e moldam nossas percepções. As construções carregam memórias, as ruas sussurram histórias, e os silêncios entre sirenes e passos guardam potências invisíveis. Em meio ao concreto e ao caos, a arte emerge — não apenas como registro, mas como gesto transformador.

INTRODUÇÃO

URBANIDADES: A ARTE QUE HABITA O COTIDIANO

Desde 2011, a Semana Cultural do C7 é um evento que busca fomentar ao máximo a cultura, a arte e o lazer dentro do meio universitário do Centro Politécnico da UFPR, reacendendo a chama artística que é muitas vezes abafada pelas cobranças da vida acadêmica. Ao longo de sua trajetória, a Semana Cultural tem oferecido uma programação múltipla, com objetivo de democratizar o acesso à cultura e fortalecer os laços da comunidade universitária.

Neste ano de 2025, portanto, a Semana Cultural apresenta aos estudantes a exposição *Urbanidades: A Arte que Habita o Cotidiano*, que convida a comunidade a refletir sobre as expressões visuais que se inspiram nas vivências urbanas. Com a presença de artistas do cenário curitibano — de origens e trajetórias diversas —, a mostra propõe um mergulho sensível nas relações entre arte, cidade e cotidiano.

A exposição “*Urbanidades: A Arte que Habita o Cotidiano*” propõe um mergulho nas camadas sensíveis da vida urbana. Convida os artistas a lançarem olhares atentos às brechas do dia a dia, às poéticas escondidas nos percursos diários, às narrativas silenciosas que se desenham nos vãos da cidade. Que afetos, tensões e simbologias nascem do ato de habitar? Como a arte pode tornar visível aquilo que escapa à lógica funcional dos espaços?

Aberta a múltiplas linguagens, técnicas e suportes, esta exposição acolhe obras que se apropriam da cidade como território de criação, resistência e imaginação. Visualizamos aqui trabalhos que não apenas representam o urbano, mas que o tensionam, o desdobram, o reinventam a partir da experiência cotidiana. Reunimos artistas de todas as trajetórias e vozes, suas obras se somam a esta cartografia imaginativa, onde a arte habita o cotidiano — e, ao habitá-lo, o transforma.

Nesse sentido, cada obra presente é, também, um convite à escuta: da cidade, dos outros e de nós mesmos. Ao explorar os fluxos, pausas e contradições do urbano, os artistas nos desafiam a enxergar além da superfície, a decifrar os enigmas do cotidiano com outros olhos. São rastros, ruídos, gestos e fragmentos que, ressignificados, constroem novas possibilidades de presença e pertencimento. Assim, a arte nos devolve a cidade não como cenário, mas como experiência viva, pulsante, em constante reinvenção.

A BELEZA EM NOSSA VOLTA

SAM



O trabalho mostra a cidade como um lugar cinza e desbotado em que prevalece uma beleza mesclada pela natureza em volta. Com um céu iluminado e com um forte degradê entre o laranja e o roxo, essa representação fere parte da cidade cinza e escura, tornando-a bela e atraente. Essa combinação nos faz refletir sobre o poder que a natureza tem para dar vida às ruas e cidades. Esse poder de tornar mais colorida as ruas e prédios monocromáticos é o poder de transformá-los em arte.

Fig. 1. Sam, 2025. *A beleza em nossa volta*. Acrílica sobre algodão. 158x200 cm.

Fig. 2. Sam. Foto cedida pelo artista.

Fig. 3. Sam, 2025. *A beleza em nossa volta* (detalhe).



Sam Siqueira Perroni, 2004, Curitiba-PR

Artista e desenhista dedicado a explorar novas formas e técnicas de desenho. Nascido em Curitiba, Sam desde criança encontrou o desenho como sua maior inspiração e na adolescência, começou a se aproximar da poesia e da pintura. Hoje, tenta buscar formas para conciliar sua paixão com uma vida profissional e encontrar caminhos que embarcam em novas descobertas.



Saiba mais em:
<https://smpestre.webnode.page/curriculo/@samy.perroni>

MULTIDÃO

JÚLIA B.

A distinção entre objetos e sujeito pode ser sempre suspensa e manipulada. O que sustenta tal diferença é tão suscetível ao olhar que o encara quanto aos afetos que o emocionam. Portanto, a Multidão seria o fruto desse fitar que conferiu vivacidade indistintamente aos artesanatos e a artesã ao seu lado. Não há que se questionar que em cada item dessa composição algum pensamento da artesã reside nas fibras do seu trabalho e que também, pelo outro lado, algumas quinas das madeiras que manuseia esculpem a ponta dos seus dedos. A captura fotográfica insiste, nesse sentido, em contemplar justamente a abundância viva e colorida que emana da tenda, dessa atmosfera em que sujeito e objetos encontram-se irmanados.



CRIANÇA INTERIOR

JÚLIA B.

A constelação sugerida pelos grânulos do asfalto e a poesia do desenho do chão que não se sobrepõe à pintura anterior, sugerem infinitas interpretações. Um passado que persiste, uma galáxia que o arredonda, a criança em expansão, uma encarada pretensiosa em busca da verdade nas ruas da cidade. As intempéries solares e chuvosas podem fragmentar e carregar as partículas de si para longe – entretanto, a criança interior continua encontrando jeitos de se manifestar, de sublinhar a sua presença nem que seja pelo solo escuro e empedrado. Assim, o jogo de cores da composição fotográfica também não quis se sobrepor ao capturado, o preto e o branco são mais do que suficientes em permitir tamanha importância.

INABALÁVEL

JÚLIA B.

Contorcionalismos que revelam a resistência e a persistência de uma anciã. Ruínas duma batalha entre a madeira viva e um galho de metal gélido que a entortou. Paradoxalmente, encontraram a trégua num encaixe contínuo. Apenas um humano poderia destruir o equilíbrio dessas matérias, para irromper a austereza sutil de tal encontro. Por isso, as cores da fotografia são fúnebres ao mesmo tempo em que possuem um tom de vibração próprio, na esperança de ilustrar a memória e a força de quando a árvore tentava encontrar o seu caminho, mesmo que com entrelaços.



Fig. 4. Júlia B., 2023. **Multidão**. Fotografia manipulada digitalmente. 45x25 cm.
Fig. 5. Júlia B., 2024. **Criança Interior**. Fotografia manipulada digitalmente. 45x25 cm.
Fig. 6. Júlia B., 2024. **Inabalável**. Fotografia manipulada digitalmente. 45x25 cm.
Fig. 7. Júlia Bueno. Imagem cedida pela artista.



Júlia Bueno, 1998, Curitiba-PR

Artista visual cuja sensibilidade a encaminha para os detalhes efêmeros do cotidiano. Composições de objetos, bichos, ruas e gente se iluminam e trocam de cores em suas obras e fotografias, exuberando-se e possibilitando significados furta-cor. Os altos contrastes e temas naturais compreendem sua assinatura, na medida em que representam e potencializam a sua necessidade vital em transformar as cores usuais em puro estranhamento sinestésico, em realismo fantástico.

FIM IMINENTE

BOMBOM

Desapego é um conceito que aplico muito na minha vida, em diversos campos — que vão desde itens materiais até pessoas e locais. Tenho muito essa visão por conta de diversas leituras, experiências, observações e pelo entendimento profundo de que tudo pulsa em ciclos. Inícios e fins que dançam como ondas, e que, para nós, seres humanos, culminam na única certeza: a morte.

É algo natural, mas, para algumas pessoas, ainda é um tema pouco discutido — seja por medo, preocupação, dúvidas ou outros sentimentos. Muito dessa resistência vem da forma como nossa sociedade trata esse assunto. E essa omissão coletiva contrasta com outras culturas que tratam o fim como parte do todo, e não como ruptura. Mas, se olhássemos ao nosso redor, veríamos um ótimo exemplo de como lidar melhor com o fim dos ciclos: a própria natureza, onde constantemente algo nasce e algo morre, em um ciclo contínuo e natural.

Combinando essas reflexões com a vontade de falar sobre o tema, escolhi uma fotografia que fiz no Cemitério Municipal de Curitiba, durante uma visita com uma amiga, numa tarde. A cena que capturei parecia sussurrar todas essas ideias. Havia uma luz delicada tocando as formas, as cores conversavam entre si, em contraste e harmonia, criando uma atmosfera que acolhia mais do que afastava.

A escolha não foi apenas documental, foi sensorial. Quis experimentar combinações cromáticas, brincar com o contraste entre o quente e o frio, entre o que acolhe e o que inquieta. E, como num segredo, inseri pequenos detalhes ao fundo — perceptíveis apenas a quem se aproxima com curiosidade. Um convite ao mistério, à contemplação, a esse sopro sutil e energético que atravessa tudo que nasce e tudo que parte.

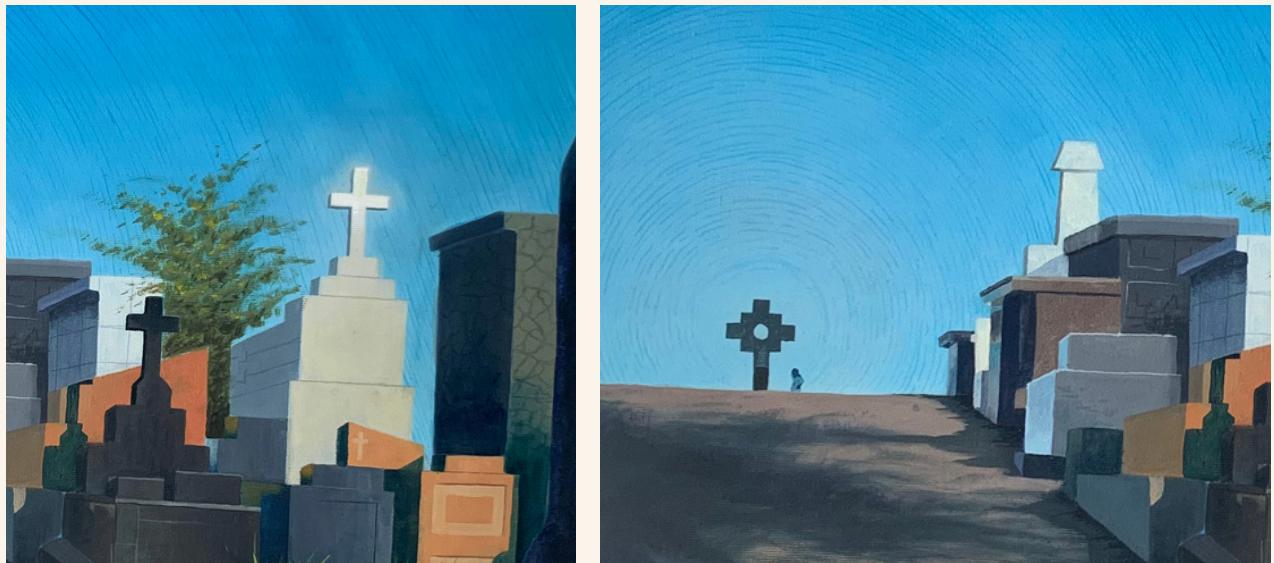
Fig. 8. BomBom, 2024. **Fim Iminente**. Óleo sobre tela. 70x50 cm.

Fig. 9. BomBom, 2024. **Fim Iminente** (detalhe).

Fig. 10. BomBom, 2024. **Fim Iminente** (detalhe).

Fig. 11. BomBom. Foto cedida pelo artista.





BomBom, 2000, Curitiba-PR

Guilherme Garcia, também conhecido artisticamente como BomBom, é um artista e tatuador do Paraná, nascido em 2000, em Curitiba, onde reside e trabalha. BomBom, por meio de seus trabalhos, busca explorar a relação entre arte e espiritualidade, utilizando técnicas diversas para representar paisagens oníricas e seres fantásticos. Atualmente, cursa o bacharelado em Artes Visuais na Faculdade de Música e Belas Artes do Paraná (UNESPAR - EMBAP).



QUAL FOI?

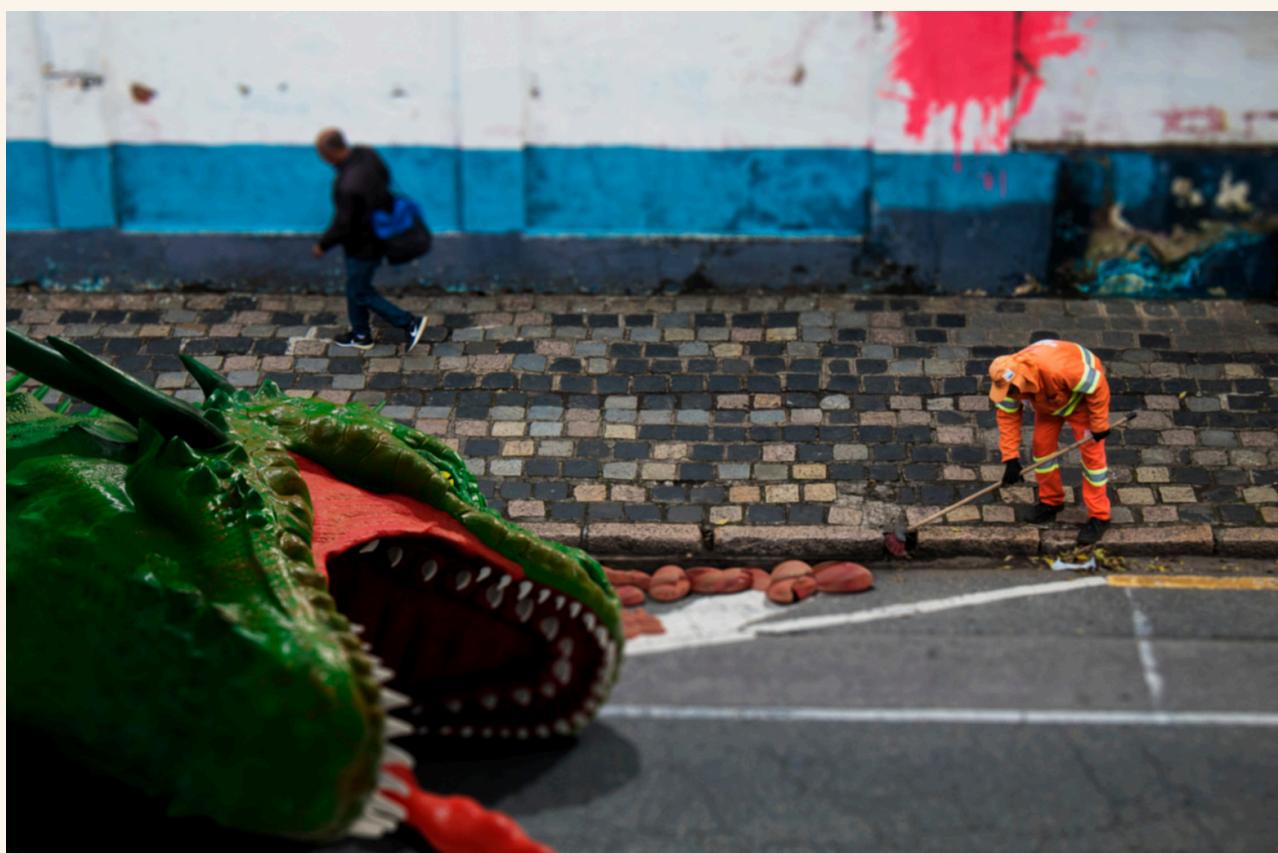
OTÁVIO COLINO

Busca-se provocar estranhamento a partir de imagens do cotidiano, revelando algo que talvez esteja subentendido no inconsciente sobre como o mundo é percebido. A cidade é cheia de detalhes que passam desapercebidos, e fotografar é uma forma de destacar esses fragmentos. Ao intervir nas cenas, tenta-se traduzir a leitura pessoal do espaço urbano — uma ideia visual sobre as situações comuns que, quando olhadas com atenção, ganham novos sentidos. É como o coração vê a cidade.

TUDO NORMAR

OTÁVIO COLINO

Busca-se revelar como certos gestos persistem mesmo diante do absurdo, como se o corpo seguisse no automático, indiferente ao tamanho do acontecimento. Amplifica-se esse silêncio da cidade, onde o cotidiano e o delírio caminham lado a lado.



REVORVÃO

OTÁVIO COLINO

Propõe-se uma leitura simbólica e subjetiva da cidade. Imagens que partem do real, mas revelam camadas ocultas de percepção, aproximando a fotografia da experiência íntima e emocional de habitar o espaço urbano.



Fig. 12. Otávio Colino, 2024.

Qual foi? Fotografia digital e modelagem 3D. 29,7x42 cm.

Fig. 13. Otávio Colino, 2024.

Tudo normar. Fotografia digital e modelagem 3D. 29,7x42 cm.

Fig. 14. Otávio Colino, 2024.

Revorvão. Fotografia digital e modelagem 3D. 42x29,7 cm.

Fig. 15. Otávio Colino. Foto cedida pelo artista.



Otávio Colino, 1988, Foz do Iguaçu-PR

Arte-educador e artista visual, especializado na criação de histórias em quadrinhos. Com formação técnica em fotografia e produção audiovisual, desenvolve trabalhos que combinam narrativa e experimentação em diferentes mídias.

Em 2022, ao concluir o curso de Processos Fotográficos no IFPR, Otávio Colino criou uma série de imagens com intervenções em 3D, inserindo formas insólitas em cenários urbanos de Curitiba. As peças são autorais e utilizam renderização 3D tradicional.

SEM TÍTULO

REBECA LEMOS

Uma vista além da janela, uma vista para o mundo. Céus cada vez mais saturados, pássaros cada vez mais agitados, sons de buzinas que nos acompanham desde a criação do trem a vapor, brisas de verões cada vez mais calorosas e fumegantes. Vivendo e sentindo, sentindo o viver de uma sociedade que não para, só anda, corre e não descansa.



Fig. 16. Rebeca Lemos, 2024. **Sem título**. Acrílica sobre tela. 70x50 cm.

Fig. 17. Rebeca Lemos. Foto cedida pela artista.

Fig. 18. Rebeca Lemos, 2024. **Sem título** (detalhe).

Fig. 19. Rebeca Lemos, 2024. **Sem título** (detalhe).



Rebeca Lemos Ferreira, 2004, Iguape-SP

Hoje em dia faz um curso de graduação em Artes Visuais na Unespar, também é formada em Técnica de agropecuária, o que apesar de não se identificar, influencia muito no seu trabalho artístico, já que sua pesquisa artística tem como base a natureza, matérias vivas e relacionados. Trabalha com diferentes linguagens artísticas, desde a pintura até a gravura. Recentemente veio produzindo pinturas voltadas a críticas que envolvem o meio ambiente e a intervenção humana nesse meio, fez alguns trabalhos que envolvem técnica mista com colagens, plásticos, tinta acrílica etc., trazendo sempre essa pauta de olhar para o mundo com esse olhar crítico, de reparar na sociedade onde vivemos.

Saiba mais em:
[@ree_lemos](https://www.instagram.com/@ree_lemos)



DENTRO E FORA DA CASINHA

LUCIANA BRITES



Dentro e fora da casinha explora, por meio de cores vibrantes e uma estética debochada, os trajetos da rotina de uma mulher. Rotas, atropelos e pausas. Por meio de traços soltos, de carvão e pastel oleoso, pode se ver tentáculos da rotina que formam um modo de habitar a cidade. Dentro a sensível observação do tempo, fora a vida segue com suas múltiplas demandas.

Fig. 20. Luciana Brites, 2025. **Dentro e fora da casinha**. Carvão e giz pastel oleoso sobre papel. 30x90 cm.

Fig. 21. Luciana Brites, 2025. **Dentro e fora da casinha** (detalhe).

Fig. 22. Luciana Brites, 2025. **Dentro e fora da casinha** (detalhe).

Fig. 23. Luciana Brites. Foto por Maralia Pinheiro, cedida pela artista.



Luciana Brites, 1989, Paranavaí-PR

Transita entre as áreas da saúde, educação e cultura. Terapeuta ocupacional (UFPR), finalizando a graduação em pedagoga (PPL) e estudante do bacharelado em artes visuais (UNESPAR). Sua pesquisa artística atual explora técnicas de desenho e pintura direcionadas para os temas: território, capitalismo e corpo.

Saiba mais em:
[@lucianadefreitasbrites](https://www.instagram.com/lucianadefreitasbrites)



CIDADE ATLÂNTICA

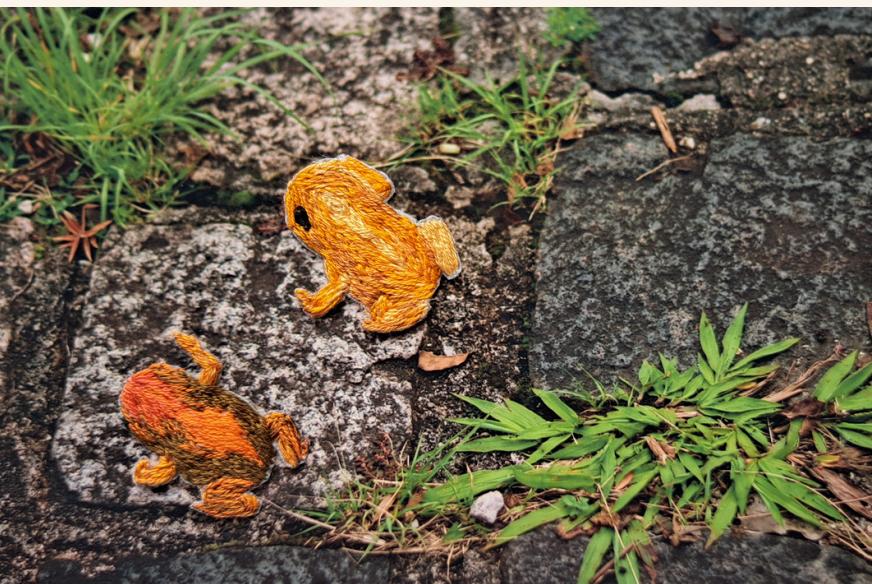
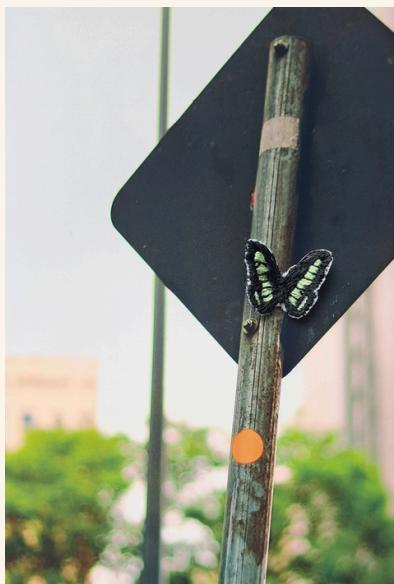
PAOLA STENCEL STRANO

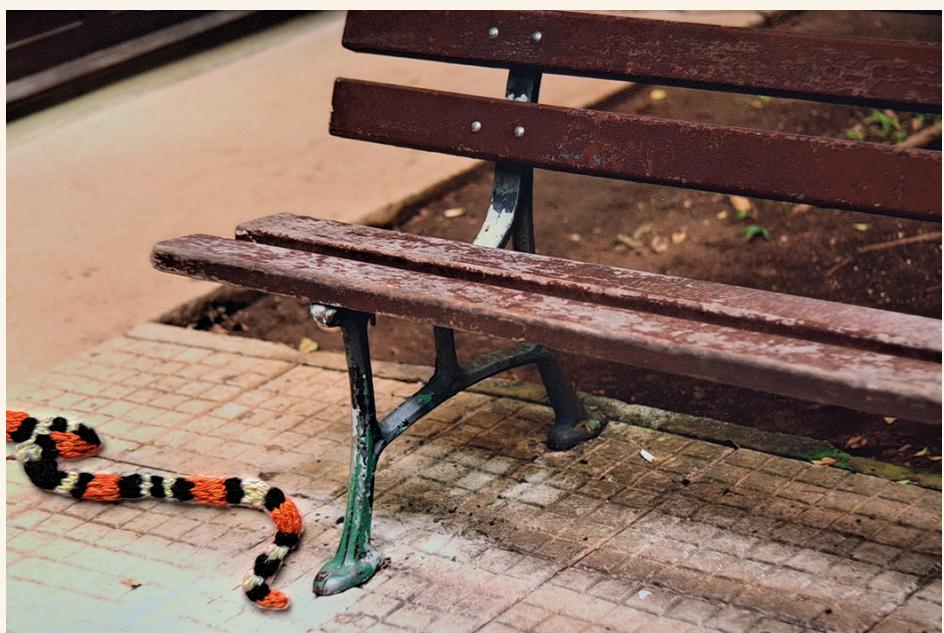
Quem tem direito aos espaços? Até onde vai nosso direito de reivindicar o território e torná-lo “noso”?

A cada ano, a fauna e a flora ficam mais confinadas em trechos sufocantes de mata, encurraladas pelo avanço frenético das cidades e, com elas, da degradação ambiental. Espécies inteiras são forçadas a se adaptar ou extinguir fora do ciclo natural, enquanto a humanidade se apropria de tudo ao seu alcance. Em nossa ambição territorialista desenfreada, pouca é a atenção aos os seres vivos que compartilham a terra conosco.

Este trabalho, assim, convida a imaginar um mundo no qual os animais nativos da Mata Atlântica seriam integrados ao nosso habitat, questionando a ideia de posse e pertencimento aos lugares que ocupamos todos os dias.

Como promover uma convivência mais gentil com a vida ao nosso redor?





- Fig. 24. Paola Stencil Strano, 2025. *Siproeta stelenes meridionalis* (série Cidade Atlântica). Fotobordado. 15x10 cm.
- Fig. 25. Paola Stencil Strano, 2025. *Brachycephalus coloratus* (série Cidade Atlântica). Fotobordado. 10x15 cm.
- Fig. 26. Paola Stencil Strano, 2025. *Phrynops williamsi* (série Cidade Atlântica). Fotobordado. 10x15 cm.
- Fig. 27. Paola Stencil Strano, 2025. *Micrurus altirostris* (série Cidade Atlântica). Fotobordado. 10x15 cm.
- Fig. 28. Paola Stencil Strano, 2025. *Cyanocorax caeruleus* (série Cidade Atlântica). Fotobordado. 10x15 cm.
- Fig. 29. Paola Stencil Strano. Foto cedida pela artista.



Paola Stencil Strano, 2005, Curitiba-PR

Artista curitibana em formação. Seus interesses perpassam pintura, bordado e fotografia, assim como mídia mista e figurações simbólicas. Em constante inquietude, busca explorar formas de expressão que permitam traduzir diferentes perspectivas, em uma constante descoberta no processo de se aproximar mais de si mesma e do outro.

Saiba mais em:
<https://sspaolass.wordpress.com/>

FRAÇÃO DE SEGUNDO

CLARA GUIMARÃES

Há uma ideia na Fotografia que diz "fotografe primeiro, pense depois". Influenciada por esse pensamento, a coleção "Fração de Segundo" retrata a vida cotidiana na cidade, buscando capturar os breves momentos que, muitas vezes, passam despercebidos.

As fotografias foram realizadas entre o final de 2024 e os primeiros meses de 2025 e, posteriormente, reunidas em coleção. O foco principal é despertar no observador o olhar atento ao seu entorno, buscando a transformação do ordinário em abstração e arte.





Clara Guimarães, 2006, Belém-PA

Nascida em Belém do Pará, em uma família de amantes da Arte, Clara recebeu influência das paisagens amazônicas e, posteriormente, do espaço urbano de Curitiba. Além da fotografia, também se aventura pela crônica, poesia e desenho. É estudante de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Paraná.

Saiba mais em:
[@claraguimaraesbraga](https://www.instagram.com/claraguimaraesbraga)



Fig. 30-44. Clara Guimarães, 2024. **Fração de Segundo**. Fotografia.
Fig. 45. Clara Guimarães. Foto cedida pela artista.

ENTRE O CONCRETO E O CÉU

GABI POM

Nas grandes cidades, o ritmo acelerado molda nosso modo de viver e enxergar o mundo. Entre buzinas, passos apressados e olhares baixos, seguimos focados no chão, em compromissos, no próximo destino. A paisagem urbana, com seus prédios imensos e concreto por todos os lados, nos condiciona a ver a cidade como algo funcional, quase mecânico. Nesse vai e vem cotidiano, muitas presenças passam despercebidas como se fossem parte da própria estrutura.

Entre o concreto e o céu, existem mãos que sustentam o que chamamos de cidade. Trabalhadores que estão sempre ali, silenciosos, muitas vezes invisíveis. São figuras que se equilibram nas alturas, limpam janelas, consertam fachadas, constroem e mantêm tudo aquilo que usamos sem pensar. Quando enfim notamos sua existência, começamos a vê-los em todos os lugares, como se sempre estivessem lá, esperando por um olhar mais atento.

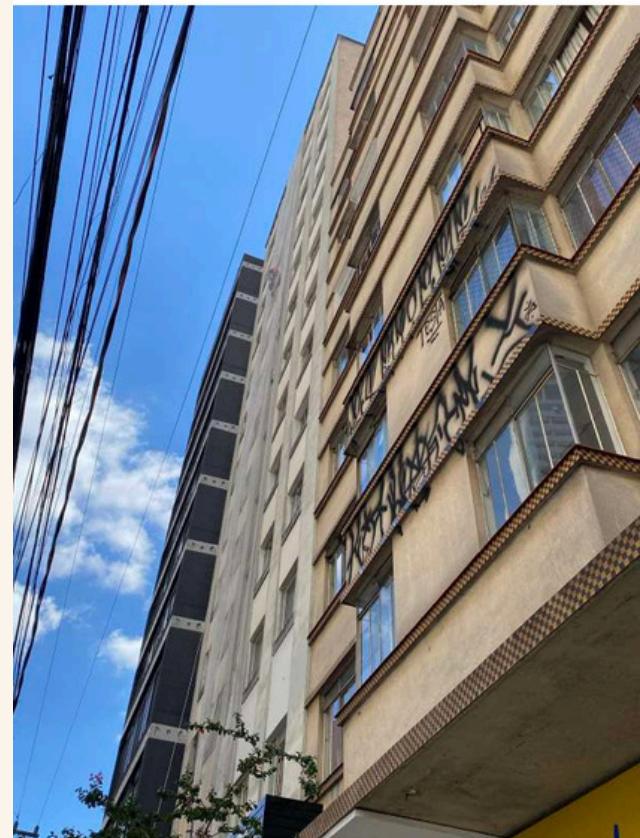
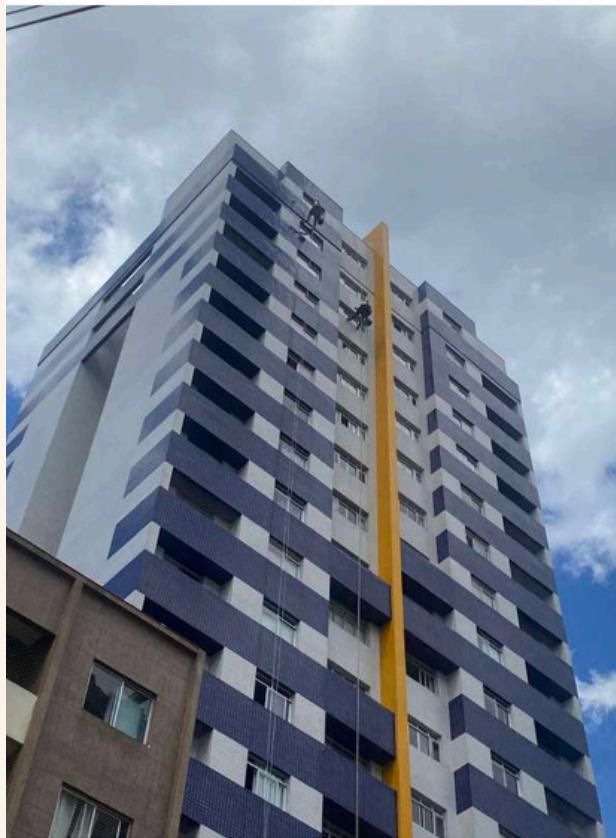
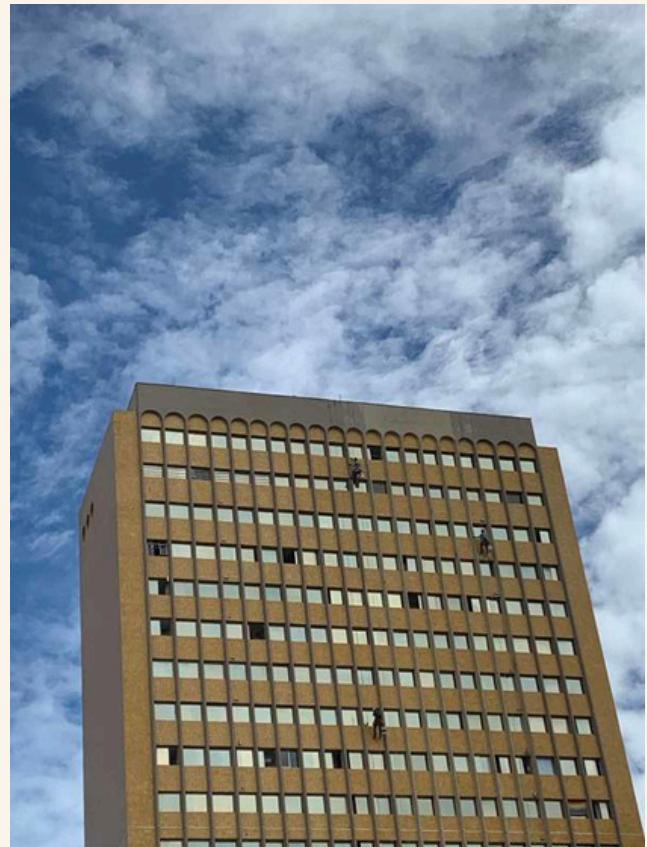
Essa obra propõe justamente essa pausa no olhar. Um convite para desacelerar e observar o invisível da rotina urbana. Revelar essas figuras é também uma forma de homenageá-las e questionar a forma como nos relacionamos com o espaço e com as pessoas que o constroem. É um exercício de empatia, de sensibilidade e de ver além da pressa e reconhecer a beleza e a importância do humano dentro da paisagem cinza.

Fig. 46-52. Gabi Pom, 2023. **Entre o Concreto e o Céu**. Fotografia.

Fig. 53-54. Gabi Pom, 2023. **Entre o Concreto e o Céu** (detalhe).

Fig. 55. Gabriele Pamplona. Foto cedida pela artista.







Gabriele Pamplona, 2000, Curitiba-PR

Estudante e futura educadora nascida em Curitiba, onde vive e trabalha. Atualmente cursa Pedagogia e em 2023 participou de um projeto de extensão universitária que promove diálogos formativos com a população em situação de rua, atuando por meio de oficinas de grafite. Acredita na arte como potência transformadora, especialmente dentro do espaço escolar, e desenvolve sua produção com um olhar sensível voltado ao cotidiano e ao que muitas vezes passa despercebido.



CAMINHOS

ANDRESSA LEMOS

Por onde os olhos passam, anseiam e percorrem.

Essa pintura vem do ponto de vista daqueles que andam pelo MON, e anseiam por um dia serem reconhecidos ou estarem no meio daquele lugar que não é nem um pouco inclusivo.

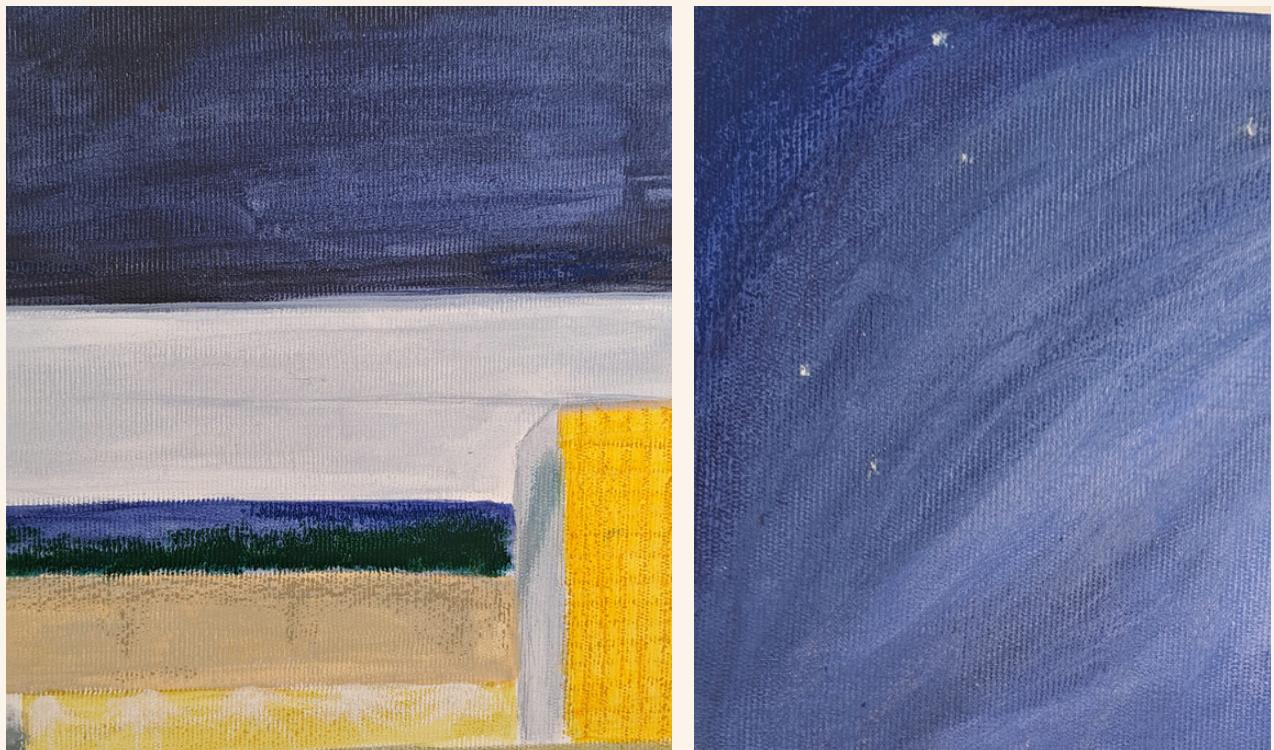


Fig. 56. Andressa Lemos, 2025. **Caminhos**. Tinta acrílica e giz pastel oleoso sobre tela. 30x40 cm.

Fig. 57. Andressa Lemos, 2025. **Caminhos** (detalhe).

Fig. 58. Andressa Lemos, 2025. **Caminhos** (detalhe).

Fig. 59. Andressa Lemos. Foto cedida pela artista.



Andressa Lemos, 1999, Iguape-SP

Artista visual, graduanda em Bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Paraná. Sua prática artística combina diversas linguagens da pintura e desenho. Atualmente desenvolve sua pesquisa sobre o afeto entre pessoas.

Saiba mais em:
[@dre.lemos](https://www.instagram.com/dre.lemos)



MULHER NA JANELA

ASTRUD BARBOSA

Um singelo retrato de minha mãe, que está olhando pela janela enquanto eu trabalho. No momento em que sua imagem recostou no umbral da janela de meu ateliê, eu soube que ela era meu tema – um tema que dirigi minhas pinceladas tão naturalmente quanto seu piscar de olhos.

Olhos nostálgicos, por trás dos quais correm lembranças de mil aventuras, centenas de sofrimentos, mas que ainda transparece em sua face um sorriso delicado, acentuando as marcas que sempre me lembraram de um tempo distante de muitas risadas que passou; e do meu próprio tempo, que já está passando.

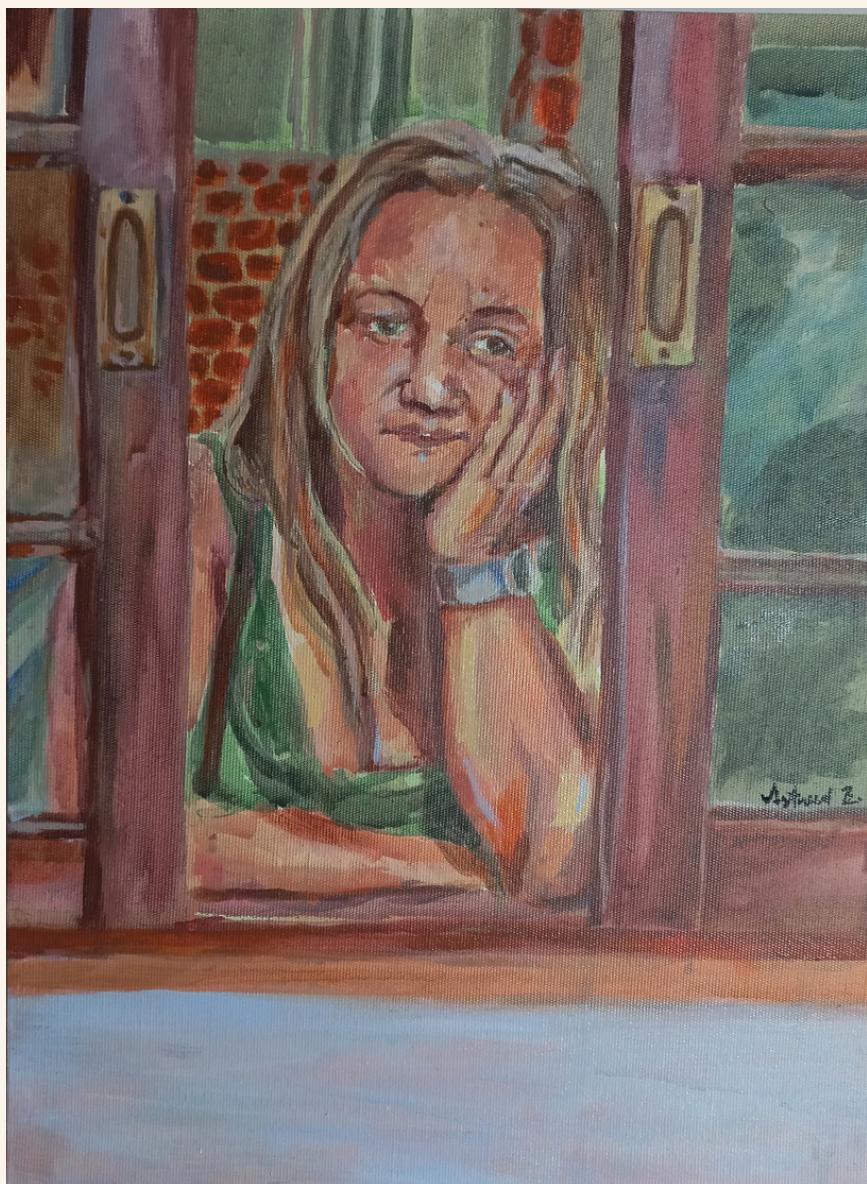


Fig. 60. Astrud Barbosa, 2025. **Mulher na janela**. Acrílica sobre tela. 40x30 cm.
Fig. 61. Astrud Barbosa. Foto cedida pela artista.



Astrud Barbosa, 2006, Araucária-PR

Artista graduanda em Artes Visuais na UFPR, com foco na linguagem da pintura, do desenho e da instalação. Vem desenvolvendo sua pesquisa em temas como feminilidade, memória, espiritualidade e temas políticos.

Saiba mais em:
[@astrud.b](https://www.instagram.com/@astrud.b)

VARAL DE MEMÓRIAS

ANA CAROLINA FRAGA

O centro da cidade é um espaço de passagem e convivência, onde histórias individuais se encontram e se entrelaçam, formando um tecido de memórias coletivas. Habitantes e visitantes caminham pelas ruas centrais em busca de algo concreto ou apenas pelo prazer de explorar. Mas o que permanece na memória coletiva da população que transita por esse espaço?

Ao abordar as memórias coletivas dos habitantes de Curitiba relacionadas à região central, e mais especificamente à Rua XV de Novembro, iniciei o projeto entrevistando diferentes pessoas e registrando suas respostas. Muitas dessas memórias evocavam momentos afetivos, como tardes agradáveis com os pais, partilhas de lanches simples, ou mesmo o conforto encontrado no espaço urbano, seja na infância ou na vida adulta. Os relatos reforçaram como o espaço urbano pode proporcionar experiências que transcendem sua função física, tornando-se fonte de afeto e significado.

Essas respostas foram transformadas em pôsteres e expostas em uma instalação feita com dois mancebos de madeira, 4 metros de arame, um fio de luzes de dois metros e grampos de pendurar roupas, de madeira. A estrutura foi colocada no calçadão da Rua XV de Novembro, perto do Bondinho da leitura, em Curitiba. Os cartazes, pendurados como um varal de roupas, não apenas comunicavam as memórias dos entrevistados, mas também convidavam os transeuntes a refletir sobre suas próprias vivências no local.

A instalação, assim, criou um diálogo entre a memória individual e o imaginário coletivo, transformando o espaço em um palco de reminiscências. O público foi então convidado a registrar suas maiores lembranças da rua xv, tendo a possibilidade de escrever suas histórias em pedaços de papel de forma anônima, ou não, e fazer parte da obra. No total, foram coletadas mais 14 respostas ao longo de duas horas de ação, além das que já haviam sido recolhidas anteriormente de forma virtual.

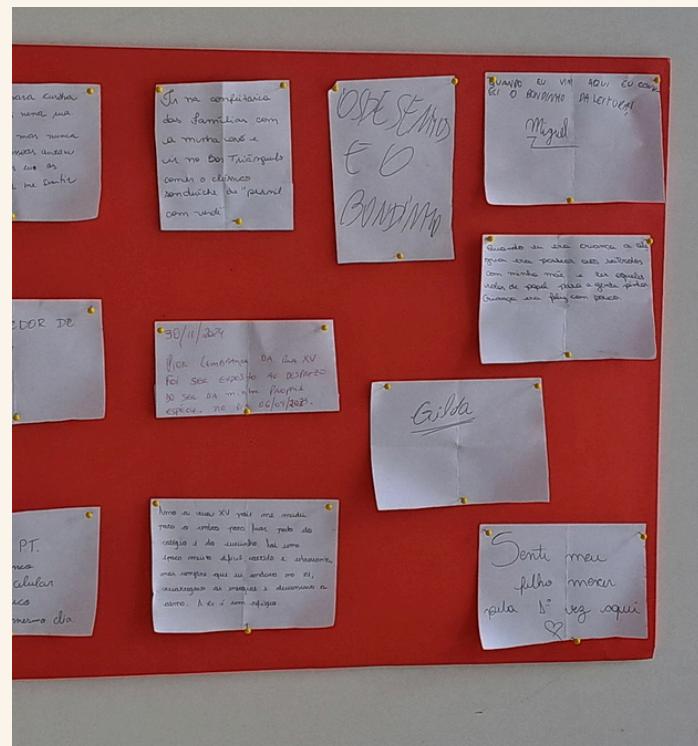
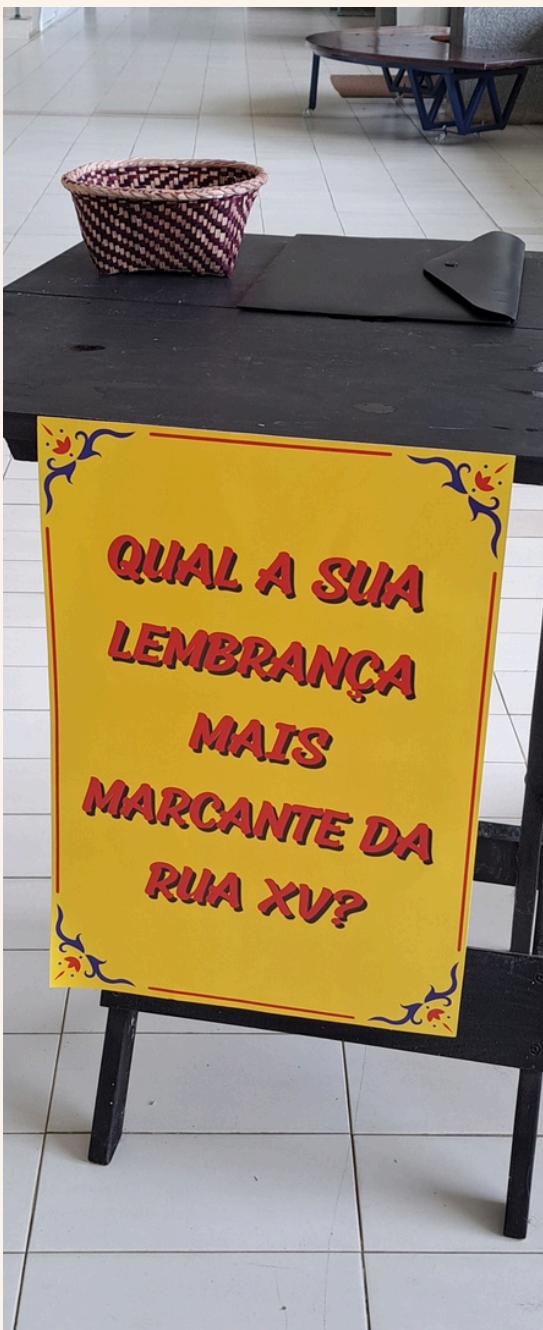
Fig. 62. Ana Carolina Fraga, 2023. **Varal de Memórias**. Instalação com dois mancebos de madeira, arame galvanizado, luzes decorativas, grampos de roupa e folhas sulfite. 160cm x 200cm x 30 cm.

Fig. 63. Ana Carolina Fraga, 2023. **Varal de Memórias** (detalhe).

Fig. 64. Ana Carolina Fraga, 2023. **Varal de Memórias** (detalhe)

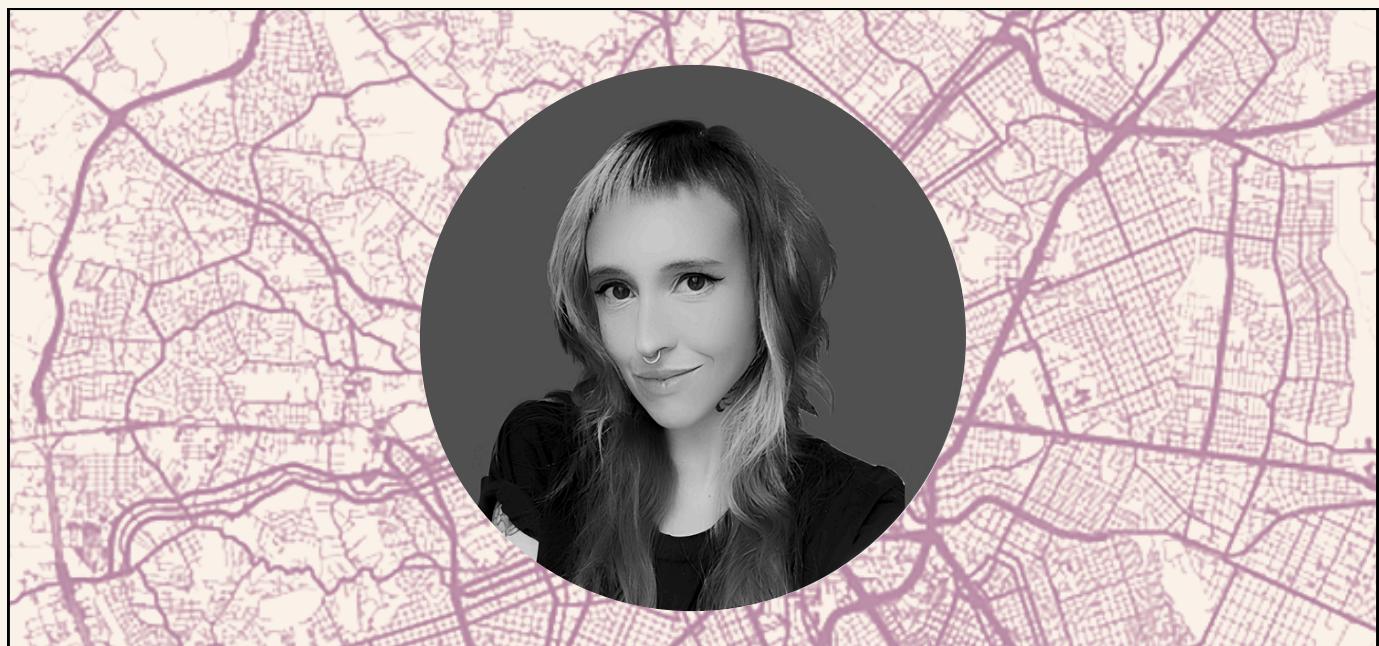
Fig. 65. Ana Carolina Fraga, 2023. **Varal de Memórias** (detalhe)

Fig. 66. Ana Carolina Fraga. Foto cedida pela artista.



Ana Carolina Fraga, 1991, Curitiba-PR

Artista visual multimídia, nascida em Curitiba no ano de 1991. Sua produção transita entre a fotografia, tridimensionalidade, ações, desenho e pintura, explorando as intersecções entre diferentes linguagens. Sua pesquisa atual investiga a memória — e a perda dela — e suas implicações na vida cotidiana, propondo reflexões poéticas sobre o tempo, o esquecimento e os afetos que permeiam nossas experiências.



Saiba mais em: <http://anafraga.godaddysites.com> | [@anacfragaa](https://www.instagram.com/anacfragaa)

A PEDRA

ACRIZ

A pedra representa o luto e todas as distorções que causam na mente de um jovem, trazendo sentimentos e vivências que te cercam e as vezes sufocam.

O luto acontece com todos inevitavelmente e mesmo com está naturalidade ele trás consigo um peso enorme, que transforma suas percepções sobre a realidade. O mundo após uma grande perda parece se distorcer a sua volta.



Fig. 67. Acriz, 2024. **A pedra**. Mixed media. 25x25 cm.

Fig. 68. Acriz, 2024. **Sem título**. Mixed media sobre gesso. Dimensões variadas.

Fig. 69. Acriz. Foto cedida pelo artista.

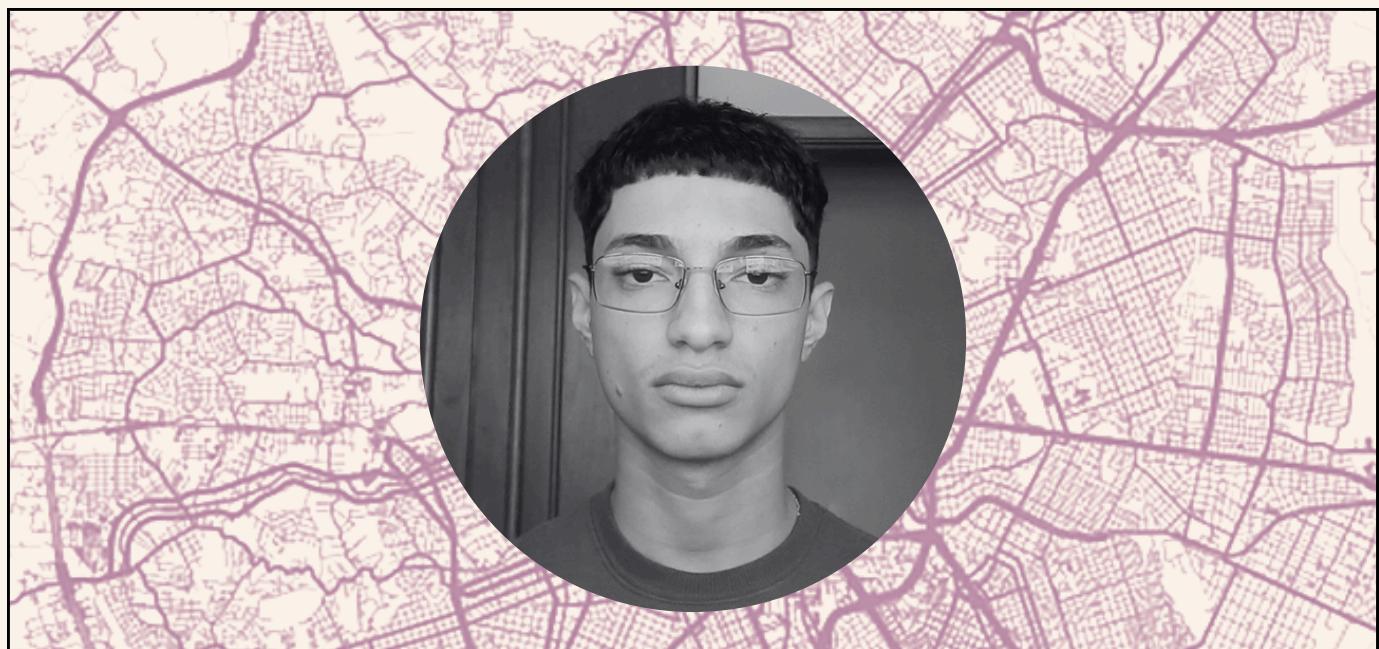
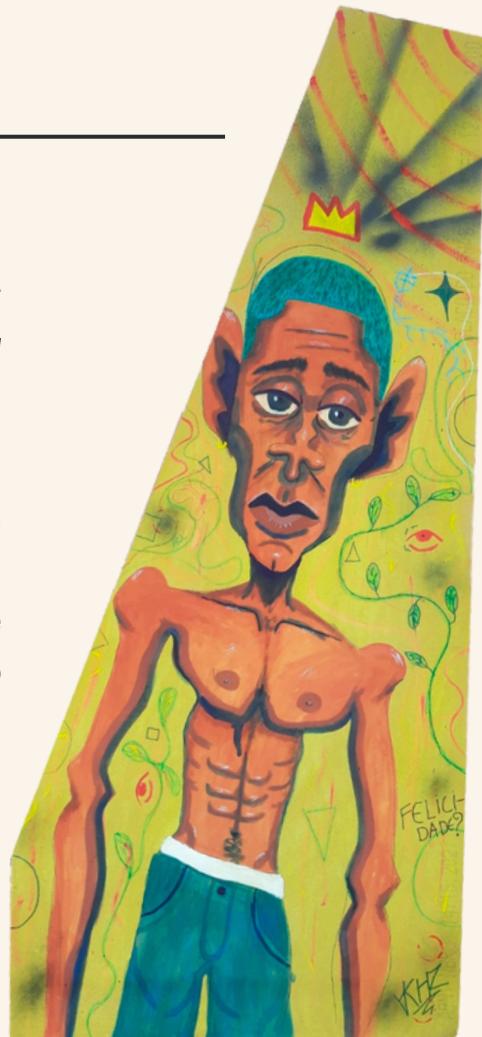
Fig. 70. Acriz, 2024. **A pedra e Sem título** (in loco).

SEM TÍTULO

ACRIZ

Meu corpo muda com o tempo, meus olhos perdem o brilho, mas ainda sou quem sou ou quem acredito ser.

Esta obra busca demonstrar a percepção da mudança do ser ao mesmo tempo que mantém o que acredita ser sua essência. Trazendo a tona o que o autor pensa de si e o que ele carrega como cultura e suas vivências dentro do espaço urbano e social.



Acriz, 2002, Rio Branco-AC

Jovem sem rumo buscando entender quem é.

Saiba mais em:
[@acriz01](https://www.instagram.com/@acriz01)



SER PLÁSTICO

BRIE

O manto é resultado da minha primeira performance, realizada em dezembro de 2024. Eu não tive um objetivo claro antes da realização dela, sinceramente, para mim, ele só vem durante ou depois. Aqui foi onde eu entendi que queria usar o plástico para fazer tudo o que conseguisse com ele, e especialmente, usá-lo para ser uma extensão do meu corpo. Os motivos não estão claros, é uma pesquisa muito recente, mas sinto que caminha pela materialidade que o plástico oferece, e também pelo complexo mercado de consumo em que ele se origina, que é um tema de meu interesse.

CORPOREIDADE II

BRIE

"Corporeidade II", ou simplesmente "corporeidade", é mais uma performance que dá continuidade a série de ações que estou fazendo por Curitiba, com o objetivo de descobrir as possibilidades que meu corpo (enquanto estrangeiro, de uma cidade de interior) tem dentro da capital. É uma forma de me familiarizar com as ruas movimentadas, as calçadas quebradas, aos ambulantes, aos ônibus, ao movimento da chuva, do vento, do sol...

Ela surge no contexto em que estou buscando entender a importância da materialidade do plástico para minha pesquisa. Se é a sua versatilidade, o seu lado político no que diz respeito a poluição e a grande produção em massa, ou o fato de estar inserido em todas as casas e vidas pelo mundo.

Plástico no fim das contas é algo que todos temos em comum, talvez até possa funcionar como um ponto de afetividade. É o que eu convido todo mundo a refletir aqui, comigo.





SEM TÍTULO

BRIE

Primeiros testes de mantos de plástico, realizados em novembro de 2024. A ideia foi juntar diferentes tipos de fios com diferentes tipos de cores para formar um manto de cerca de 1 metro, para identificar que tipos de relações eu poderia estabelecer entre a materialidade das linhas e do espaço em que elas podem ser inseridas, tanto que cada véu pode e vai adquirir formas diferentes dependendo de como eu determinar qual vai incorporar melhor o tempo ao seu redor.

Gosto muito de usar esse termo, incorporação. Como já coloquei uma vez, e aqui coloco de novo, "Crochê é incorporação mútua. Incorporação da linha sobre nosso corpo, e do nosso corpo sobre a linha. Ele incorpora quem o faz e quem o vê. Incorpora o vento, as palavras, a chuva, o sol, a grama, a mesa, a agulha, tudo. Além de mim, quero levar essa incorporação a outros corpos, outras gentes, outras concepções. Ele permite ter contato com uma dimensão importante de nossas vidas e ancestralidades, nossas forças. É essencial trazer tudo isso para perto, ainda mais com tudo que estamos passando hoje."

Fig. 71. Brie, 2025. **Corporeidade II**. Crochê. 72 x 137 cm.

Fig. 72. Brie, 2024. **Ser Plástico**. Crochê. 65 x 39cm

Fig. 73. Brie. 2024. **Sem Título**. Crochê. 100 x 28,5 cm.

Fig. 74- 77. Brie, 2025. **Corporeidade II** (Registro de Performance)

Fig. 78. Brie. Foto cedida pela artista.



Gabriela Rizzi, 2005, Joaçaba-SC

Artista visual e estudante de artes visuais na UFPR, tendo como característica o uso de plástico em seus trabalhos de bordado ou crochê, sempre trazendo a performance para perto para tratar de questões de incorporação, estrangeiro, tempo e ancestralidade.

Saiba mais em:
www.briezzn.com
[@briezzn](https://www.instagram.com/briezzn/)

SOZINHA

TATA CELESTE





Fig. 79. Tata Celeste, 2025. **Sozinha**. Colagem digital de desenho tradicional sobre fotografia. 27,5x20 cm.
Fig. 80. Tata Celeste, 2025. **Sozinha** (in loco).
Fig 81. Tata Celeste. Foto cedida pela artista.

Criada após uma reflexão pessoal sobre as relações construídas nas grandes cidades e em alguns tipos de ambientes, baseadas na conveniência e jogos de interesses. Assim, gera-se uma falsa sensação de conexão que acaba por escancarar como acabamos sempre estando em multidões, mas na verdade sozinhos!



Talita Celeste dos Santos, 1989, Curitiba-PR

Estudante de Artes Visuais e Professora de Artes do ensino fundamental e médio na região metropolitana de Curitiba, em São José dos pinhais mais especificamente, Tata tem uma relação de amor com a arte desde a infância, mas só foi se debruçar a estudar mais a fundo e a lecionar depois dos 30 anos., Antes disso, por quase uma década foi atleta e professora de MMA e jiu-jitsu. Uma lesão grave a tirou das competições e um após isso decidiu por se dedicar aos estudos e pesquisas, sem muita pretensão a produção ou ato artístico.